

ERA UMA VEZ ... UM DIÁLOGO COM A LITERATURA INFANTIL E O CORPO EM MOVIMENTO

Sára Maria Pinheiro Peixoto (1), Ana Aparecida Tavares da Silveira (1), Fabyana Soares de Oliveira (2) Marcilene França da Silva Tabosa (3), Maria Aparecida Dias (4)

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN/PPGED
sarinha27@gmail.com*

Resumo:

Pensar a prática pedagógica por caminhos que consideram o corpo sujeito é um grande desafio, e pensar essa prática considerando a literatura infantil além de ser um desafio, foi também desafiador articular a fruição com o corpo em movimento. Este trabalho desponta de um relato de experiência desenvolvida em um Centro Municipal de Educação Infantil, com crianças de 02 a 04 anos, visando um diálogo entre o corpo e a literatura infantil. Sob os diálogos de Abramovich (2006), Cavalcanti (2002) e Moreira (2012), buscamos fazer o entrelaçamento das ideias de Merleau-Ponty (1999), discursando sobre a complexidade do corpo pelo viés da fenomenologia. Sob a metodologia da pesquisa descritiva, buscamos evidenciar o quão foi um momento rico fazer uma interface entre essas duas áreas, mediada pela sensibilidade, intelecção e transcendência, pois a criança é um ser corporalmente ativo. Discursar sobre corpo e a literatura infantil, é levar aos professores, a reflexão de que o conceito de corpo é muito mais que uma forma fisiológica de estar no mundo, corpo é aprendizagem, mas é também encantamento, história, cultura, corpo é prazer, é riso, é arte, corpo é literatura.

Palavras-chave: literatura infantil, corpo, movimento, infância.

INTRODUÇÃO

Ler histórias para crianças sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar, com as situações vividas pelos personagens (ABRAMOVICH, 2006). Damos início essa introdução com esse pequeno trecho da autora, para debruçarmos um pouco nesse universo rico e prazeroso da literatura infantil. Sabemos que ler, sempre representou uma das ligações mais íntimas do ser humano com o mundo que o cerca, fosse os primeiros registros em cavernas, com a chegada das novas tecnologias, mas que sempre mexeu com o imaginário e o faz de conta da criança, mas ainda pouco explorado nas salas de Educação Infantil, ou pelo menos, não tão bem aproveitado como deveria ser.

Sempre ouvimos desde pequeninos, que ler está associado ao prazer, e muitas práticas de leituras, acabam sendo desprovidas de sentidos, uma vez que, se não tivermos atentos, torna-se práticas sem encantos, e esse encontro entre as crianças e a leitura acaba se tornando uma relação do avesso sem desejo e cumplicidade, os livros tornando-se apenas um meio e não um meio-e-fim.

Salas de Educação Infantil tem que ser providas de sentido, cor e vida e ao adentrarmos no mundo da literatura infantil, tal relação não pode ser distinta. A criança pequena, tem suas primeiras experiências com a literatura infantil, primeiramente pelo adulto, pela contação de

história, logo, compreende que o livro é um objeto em que ela pode ver, tocar, tentar compreender as imagens ao seu modo, tornando-se um leitor autônomo. Nessa relação de curiosidade, vai se familiarizando com os personagens das histórias, e passa a sentir enredos, e querer fazer partes dos mais diversos contextos narrados ampliando seus conhecimentos de mundo, manifestando senso crítico, trilhando para uma aprendizagem significativa e prazerosa é também uma possibilidade de descobrir um mundo de conflitos e em ir busca de suas possíveis soluções.

A esse respeito destacamos ABRAMOVICH (2006), que enceta a seguinte afirmativa:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brilhar ... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (ABRAMOVICH, 2006, p.17)

A autora mostra que é ouvindo histórias as crianças podem ampliar seu conhecimento de mundo, podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir, de ser e de estar e sob essa dimensão contribuir para a sua construção de sujeito histórico e cultural, na perspectiva que podemos ir além da linguagem verbalizada e cognitiva, e por que não abrimos espaços para que a literatura infantil perpassa para uma outra dimensão, a linguagem corporal?

Constantemente somos instigados e desafiados a refletir e repensar sobre nossa prática diária, no intento de buscarmos desenvolver ações pedagógicas intencionais e conscientes que garantam a todas as pessoas independente de suas condições, o direito de aprender e avançar em suas aprendizagens contribuindo na formação integral do sujeito em todas as suas dimensões e na aceitação das diferenças individuais adentro da diversidade humana. Com isso, acabamos deixando de lado um elemento essencial do ser humano: o corpo, o movimento é parte integrante da vida humana.

Desde pequenas, as crianças exploram seu corpo, aprimorando-se a cada dia através de experiências diversas sejam com atividades, de saltar, correr, manusear, sentar, deslocar, etc. Mas não devemos resumir o movimento humano apenas um simples deslocamento corporal, mas que essas ações estejam pautadas em uma linguagem corporal que podem e são expressadas pelos sentimentos, pensamentos e emoções. Podemos dizer o modo como se processa o movimento, este é dado através da interação do sujeito com o meio, ou seja, nas interações sociais.

Derivando desse percurso pessoal, trabalhando com a formação continuada de professores dessa primeira etapa da vida escolar, foram germinando inquietações, suscitando o desejo em aprofundar o entendimento sobre lugar que tem o corpo na Educação Infantil e de forma podemos estabelecer uma relação viva e de encantamento com literatura.

Nos últimos anos, grandes têm sido os debates e reflexões a compreensão desse corpo que se constitui sujeito em diversos espaços históricos, sociais e culturais, tornando-se cada vez mais necessário a observação de um corpo sob uma abordagem mais subjetiva, considerado essencial para o desenvolvimento integral da criança enquanto sujeito e que esse corpo. Nessa perspectiva, temos Vigarello, Courtine e Corbin (2008), nos aponta o seguinte:

O corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos atribuídos a sua conduta, ele é o emblema onde a cultura vem inscrever seus signos tanto quanto seus brasões. (COURBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2008 p. 213).

Partindo dessa afirmativa, temos o entendimento de que esse novo olhar para o corpo, tem passado por diversas transformações. Vale destacar ainda que quando falamos de corpo, não podemos deixar de estabelecer uma intrínseca relação corpo e aprendizagem. Versamos aqui na concepção de um corpo que vai além de sua estrutura física, ligado ao modelo biomédico, no aspecto de prontidão e aptidão. Tratamos aqui, de um corpo que não é separado do sujeito pensante e que por sua vez, considera toda a sua existência. Fernandez (1991) explana bem quando afirma que a aprendizagem passa pelo corpo, desde o início ao fim.

Fazendo o levantamento do estado da arte sobre essas duas temáticas, corpo e literatura infantil, percebi que há uma vasta produção teórica entre ambas, entre artigos, teses e dissertações, no entanto de formas desprendidas. Assim, deparamo-nos com a escassez de produção de trabalhos científicos e acadêmicos que procuram fazer uma interface entre esses dois objetos de estudo: corpo e literatura infantil, manifestando assim, a necessidade de estudos que proponham uma interface entre essas duas áreas.

A frente às questões até então já discutidas, apresentamos as questões que norteiam esse relato de experiência, vivenciada em um Centro Municipal de Educação Infantil da Cidade do Natal/RN, desenvolvida com crianças de 2 a 4 anos de idades, evidenciando um espaço de aprendizagem onde essas duas áreas riquíssimas de serem exploradas.

Discursar sobre corpo e a literatura infantil, é levar aos professores, a reflexão de que o conceito de corpo é muito mais que uma forma fisiológica de estar no mundo, corpo é

aprendizagem, mas é também encantamento, história, cultura, corpo é prazer, é riso, é arte, corpo é literatura.

Apresentamos brevemente esses argumentos introdutórios, seguimos pela fundamentação teórica e metodológica, a seguir exibimos os desdobramentos das discussões e análises dos resultados desprendidos do relato de experiência e por fim tecemos as considerações e as referências que nos fundamentaram na construção desse relato.

Contudo, pontuamos a relevância dessa discussão, a fim de que possamos ampliar experiências exitosas e que possam estar se somando a outras experiências nesse universo rico que é a literatura infantil e o corpo em movimento.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A creche e a literatura infantil: o seu contato na sala de aula

Que cada um encontre um jeito gostoso de ficar sentado, deitado, enrodilhado, não importa como ... cada um a seu gosto ... E depois, quando todos estiverem acomodados, aí começa “era uma vez ...” (ABRAMOVICH, 2006)

Ouvir, histórias desde sempre, não é mesmo? Bem, sabemos que a literatura infantil sempre esteve e ainda está viva em nossas vidas muito antes mesmo de dominarmos a leitura e a escrita. Foi por meio das cantigas de ninar, das cantigas de roda e contações de histórias realizadas pelos familiares que a literatura infantil sempre teve esse contato mais recôndito com a criança. No entanto, em seu sentido mais formalizada, é no espaço escolar que a literatura edifica uma ligação mais lúdica com a criança e o mundo subjetivo, arraigados por uma cultura mais sistematizada. Oportunizá-la no espaço escolar, pressupõe o incentivo à leitura enquanto futuros leitores e escritores, porém, essa não é nossa questão central aqui.

Nossa discussão está pautada, nas possibilidades de contato com esse mundo e dele exploramos outras formas de encantamento e que possam estar viabilizando canais de aprendizagem. Os professores, vivenciam diariamente esse processo maravilhoso e puro de ser criança, desse modo, oportunizar o contato com a literatura em suas diversas possibilidades, é proporcionar o encantamento.

A palavra literatura, vem do latim *littera*, que exprime letra. Sem seu sentido mais conotativo, é arte, deleite. Aliado à infantil, conjecturamos a ideia de prazer, encantamento.

Vale mais uma vez ressaltar, que não tratamos aqui da literatura infantil enquanto intenção didática, como incentivo à leitura (ZILBERMAN, 1998). Tratamos aqui do fato de explorarmos o imaginário, a fantasia, o afetivo, a troca de experiências de sentidos e de seus significados que corrobora no desenvolvimento integral da criança.

Na Educação Infantil, e se tratando especificamente da creche, a 1ª etapa da vida escolar da criança, e esta, vivenciará uma das mais complexas fases do desenvolvimento humano, nos aspectos intelectual, emocional e motor, que será tanto mais rica e qualificada forem às condições ofertadas pelo ambiente e pelos adultos que a cercam. Surge então, a importância de um projeto educativo que compreenda uma aprendizagem de qualidade para todos e que oportunizem o contato com esse mundo de encantamentos.

De acordo com as orientações do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), organizado pelo Ministério da Educação (MEC), as creches, bem com as salas de aulas da pré-escola, devem ir além do cuidar e educar, suas atividades devem proporcionar situações de aprendizagens através de interações e brincadeiras, eixo norteador do trabalho das salas de educação infantil, visando para contribuir na autonomia, socialização, identidade da criança.

O contato com a literatura é promover o ouvir histórias, o desenhar, o musicar, o teatrar, o pensar, o deitar, o levantar, o brincar, até mesmo o querer ouvir de novo. É viver um momento de gostosura, de divertimento, sedução e maravilhamento. (ABRAMOVICH, 2006).

As histórias não encantam somente crianças, encantam jovens, adultos, é um universo que fala mais do que mundos imaginários e seres mágicos, elas percorrem a subjetividade de seu eu, dos seus sentimentos, desejos, invadem universos mais repletos de significação. É tocar no universo da representação, do mundo simbólico que pode ir do poético ao formal. O que não devemos é trabalhar a literatura por trabalhar, queremos mais que isso, queremos oportunizar os momentos de contação de histórias e ousarmos, expandirmos espaços de descobertas com seu próprio corpo, em busca de uma forma de ser e estar no mundo. Assim, já nos diz Cavalcanti (2002):

A literatura pode ser para criança o espaço fantástico para a expansão do seu ser, exercício pleno da sua capacidade simbólica, visto trabalhar diretamente com elementos do imaginário, do maravilhoso do poético, ampliar o universo transreal da criança, promovendo sua criatividade. (CAVALCANTI, 2002,

Com isso promovermos, um planejamento de situações com os materiais mais diversos, associando a literatura infantil a exploração de seu corpo, sua linguagem corpo, interpelando para suas emoções, sentimentos, medos, desafios, etc. Acreditamos na sensibilização dos professores nesse universo de narrativas desafiadoras, bem como os meios mais diversificados de estimular a criança em seus aspectos cognitivos, sociais, afetivos, psicológicos e motores.

A criança e a relação com seu corpo em movimento

Sabemos que de acordo com as legislações as crianças devem ter seus espaços garantidos em instituições especializadas, por meio de atividades cotidianas que favoreçam o desenvolvimento da criança. É a partir das interações que a criança faz com outras crianças e com os adultos, ela vai construindo conhecimentos em diferentes dimensões. E essa interação não se dará apenas pela comunicação oral, se dará pelo pensamento que se expressa pelas diversas linguagens das crianças, bem como a sua motricidade. (MOREIRA, 2012).

É partindo das próprias experiências, que a criança se relaciona com o mundo se apropriando do seu corpo, que passa a ser o elo essencial do seu eu com o meio que a circunda. Podemos dizer que tudo que a criança faz para se conhecer, para se envolver, se relacionar, para aprender ela o faz partir do seu corpo, muitas vezes experiências marcadas pela inconsciência corporal. No entanto, temos que ter a clareza que precisamos oportunizar a criança a interação com o meio em uma relação corporal, conhecendo sua história de vida, vivências, cultura. Essas possibilidades de ação vão assim se desenvolvendo progressivamente, se experimentando, como também se aperfeiçoando.

Nos últimos anos, em se tratando do corpo e o meio, estudos têm ganho muito destaque tornando-se essencial a compreensão de um corpo que se constitui sujeito em diversos espaços sociais. Com isso, é preciso um novo olhar sobre esse corpo, é preciso uma abordagem mais subjetiva e a escola considerada espaço essencial para o desenvolvimento integral da criança preciso dar vozes para esse corpo, que por muitas vezes, suas atividades estão pautadas na leitura e na escrita, deixando o corpo aquém desse processo.

Quando falamos de corpo, falamos ainda de uma intrínseca relação corpo e aprendizagem, versamos em uma acepção de um corpo que vai além de sua estrutura física,

ligado ao biológico, prontidão e aptidão. Pontuamos aqui, um corpo que não é separado do seu cognitivo.

Para dissecar com mais riqueza esse universo que há sob corpo e essa relação com o outro e o meio, temos como aporte teórico Merleau-Ponty (1999), quem vem fundamentar toda essa discussão do corpo e sua relação de ser/estar no mundo, em uma dimensão fenomenológica. Destarte, o corpo constitui-se um dos principais objetos de estudo do pensamento do filósofo, assumindo o pensamento do ser como presença no mundo, sob uma ótica que o corpo é muito além de seu ser biológico. (MERLEAU-PONTY, 1999).

Sob essas premissas e acreditando que para a criança que a aprendizagem precisa passar pelo afeto, pela ludicidade permeada de sentido e significado, procuramos estabelecer essa relação entre a literatura infantil e o corpo, onde esse corpo sujeito estivesse presente em todo esse processo, mediado pela sensibilidade, intelecção e transcendência, pois a criança é um ser corporalmente ativo. Conforme a criança vive experiências ricas e significativas, seu esquema corporal, sua corporeidade vai ganhando forma, tornando-se elemento básico de formação de personalidade. A esse respeito temos:

O movimento participa biológica, cultural e socialmente da vida do homem, o que implica não poder ser relegado a um segundo plano, como acontece ainda em muitos currículos escolares. [...] pela atividade motora que o homem corporiza o sentido que imprime a sua vida. (MOREIRA, 2012).

Pensando nisso, desenvolvemos em nossa instituição de ensino um momento em que a literatura infantil, a riqueza da fantasia pudesse ser nossa aliada, em nossas atividades de circuitos com o corpo. Acreditamos ser um momento de bastante aprendizado e de ludicidade, onde nossas crianças vivenciem experiências ricas e prazerosas.

Precisamos viver e nos sentir corpos, e isso só são executáveis à medida que vivemos nossa corporeidade. A esse respeito, Nóbrega (2009), nos afirma:

Vivenciando o corpo, não como instrumento ou objeto, mas como corpo-sujeito, síntese da nossa presença do mundo não pode ser reduzida às práticas corporais voltadas apenas para o rendimento, a disciplina autoritária, a padronização de gestos, reprodução de valores utilitaristas e individualistas, a mensuração e a quantificação de resultados. Mas sim, ampliar as possibilidades do movimento para o lúdico e para a expressividade contidas na linguagem sensível; (NÓBREGA, 2009, p.58)

Vivencemos então nosso corpo, vivencemos a prática lúdica com o outro e com o meio, momentos de descobertas. Nos fundamentos de Merleau-Ponty (1999), partimos da ideia de

que temos a ideia que devemos possibilitar a todos a experiência do corpo vivido, e que esta, se dará através das experiências proporcionadas, da percepção do que se vive e como se vive, ampliando as possibilidades desse sujeito.

FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

Resultados e discussões

Em se tratando do percurso investigativo, este relato de experiência está pautado em uma abordagem qualitativa, por valorizar as relações entre os sujeitos envolvidos, suas relações e as implicações no processo ensino-aprendizagem, por envolver uma postura interpretativa dos sentidos que as pessoas lhes atribuem, estando esta pesquisa, pleiteada na ênfase de todo o processo da investigação do que o produto final, na premissa de valorização de todos os envolvidos. (FLICK, 2009).

A metodologia assume o caráter de uma pesquisa descritiva, apresentando vivências particulares, suscitando reflexões acerca de um fenômeno específico, onde o foco é a reflexão da experiência vivida.

As atividades foram realizadas em um Centro Municipal de Educação Infantil, da cidade do Natal/RN, com crianças de 02 a 04 anos de idade, equivalente as crianças da creche – turma 1 e turma 2. Fizemos 02 atividades distintas, mas que versavam sobre as mesmas discussões.

Demos início, em nosso momento de contação de histórias, onde fizemos a contação da história da Chapeuzinho vermelho de forma oralizada. A história teve seu início preservado, porém, no meio do enredo precisamos fazer uma adaptação para que 2º momento tivemos a riqueza de atividades corporais nesse processo. A adaptação estava pautada no momento em que a chapeuzinho se encontra com o lobo mal na floresta, ele a pede para ir para o caminho mais longo e foi no caminho longo que usamos nossa imaginação.

Nesse caminho longo, inserimos na história que chapeuzinho subiu o morro, após a subida, teve que descer de um penhasco, descido o penhasco, veio uma chuva bem forte, ela precisou se abrigar em uma caverna. Chapeuzinho ainda precisava deixar os doces para a vovozinha, assim ela teve que passar por uma ponte. Terminada a ponte, foi a vez de rolar um pequeno morrinho. Terminado essa missão, ela se deparou por um lago que ela tinha que passar saltando sob as pedras. Terminadas as pedras, havia um labirinto na floresta em forma de ziguezague. Finalmente, depois de tantos obstáculos chegara na casa da sua vovozinha. O restante da história todos nós já conhecemos. Demos continuidade com a dramatização até o término da história.

Após o momento extremamente lúdico com as crianças, foi a vez de darmos sentido ao corpo das crianças com essa dramatização, montamos no pátio da escola, todos os obstáculos que representamos na história, a qual cada etapa chamaremos de estação. Para representar dividimos esse momento em 8 estações. O morro, foi a nossa 1ª estação com a atividade da escadinha lúdica, quando a criança subisse a escadinha lúdica, teria um escorrego, que seria a nossa 2ª estação. Após a descida, veio a chuva, a criança passou pela 3ª estação que foi a vez do grande minhocão que na história denominados de caverna, chegando ao termino do minhocão, se dava o início da 4ª estação, onde seria a ponte. Nessa estação a criança tinha dois bancos retangulares ao qual deveria caminhar sobre o mesmo. Finalizando a ponte tinha um novo escorrego representado a 5ª estação, nessa, a criança tinha que rolar. Dando início à 6ª estação, a criança encontrou formas geométricas espalhadas, que representariam as pedras sobre o lago, logo as crianças teriam que saltitar até chegar na 7ª estação. Na penúltima estação, montamos um ziguezague com cones de transito pequenos, assim a criança mais uma vez exploraria a seu modo esse contorno, encontrando na última estação, a 8ª a casa da vovó com a placa de boas-vindas, a criança teria que entrar e lá se deparava com o lobo mal deitado na cama e o resto era por conta da imaginação.

Todas essas estações foram vivenciadas por cada criança que estava presente, com ajuda das professoras e estagiárias e eles simplesmente se encantaram. A atividade deu tão certo que eles pediram para repetir. Já estamos nos planejando para o próximo momento cultural dessa vez com a história dos 3 porquinhos, no intuito de que seja tão bom ou mesmo melhor que nossa primeira vivencia literária e corpo.

Construímos uma proposta permeada pela ludicidade, um ambiente preparado com vivencias alegres e cheia de cores, com momentos de descobertas a cada estação que chegava. Foram momentos de subir, descer, andar, agachar, rolar, pular, equilibrar que nortearam essa proposta unindo a literatura infantil e o corpo em movimento e o professor e demais envolvidos foram fundamentais nesse processo de mediação. Assim é viver o corpo, é viver esse processo de trocas com o meio, no sentido da exploração e da descoberta. Viver o corpo é viver o mundo que está ao seu redor.

CONSIDERAÇÕES

Vimos que a literatura infantil tem o valioso poder de suscitar o imaginário, sob a possibilidade de se descobrir o desconhecido. A literatura é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, mas também de soluções (ABRAMOVICH, 2006).

Nesse processo, ouvir histórias tem uma importância que vai além do prazer sentido e proporcionado, ela traz a criança para construção e ampliação das diversas linguagens, valores e sentimentos aos quais ajudam na formação humana do sujeito.

E o corpo? Nossa o que é viver esse corpo? Foi usá-lo com sentido e significado, permeado pela ludicidade e curiosidade, usado como o um meio e não um fim. Brincar com o corpo é contextualizar, e o professor tem papel fundamental nesse processo, por proporcionar essa riqueza de experiências, mediar interações e ainda intervir em situações de aprendizagem. Nós professores permitimos a fruição do prazer pela atividade proposta, cada criança ao seu modo. Não estamos aqui tratando de movimento certo ou errado, versamos aqui sobre as possibilidades ofertadas das crianças se conhecerem enquanto corpo, sujeitos pensantes e aprendentes, promovermos experiências.

É preciso pensarmos em práticas educativas voltadas para essa fase de desenvolvimento, nossas crianças precisam ser oportunizadas à essas descobertas. Um professor criativo é aquele que procura variar suas situações sequências didáticas, promovendo situações diferenciadas para serem vividas e sentidas. Sentindo as interações com a criança podem ser mais eficientes à medida que o professor reconhece o que ela sabe e como ela compreende o que está sendo vivido, sentido e ensinado. (MOREIRA, 2012).

E a literatura infantil foi nossa verdadeira aliada, indispensável à fantasia e o imaginário. Abrimos espaço para a expressão livre, envolvendo todos nesse processo, vivenciando a magia que se tem nos contos. Cada um é cada um. Cada sujeito é um corpo singular, pois o seu ser/estar no mundo estabelece relações diferentes com o vivido. Cada um vê o mundo a partir de suas experiências de vida, o que só precisamos fazer é oportuniza-las.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo, Scipione, 5ª ed. 2006

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol 3.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

CORBIN, A; COURTINE, J.J.; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo: as mutações do olhar – Século XX**. Petrópolis: Vozes, 2008. V.3.

FERNANDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada**. 1ª ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Tradução Roberto Cataldo Costa; Porto Alegre: Artmed, 2009. Coleção Pesquisa qualitativa.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro Moura, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, Wagner Wey. **Corpo em movimento na Educação Infantil**. São Paulo: Telos, 2012.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corporeidade e Educação física: do corpo-objeto o corpo-sujeito**. 3. Ed. Natal: EDUFRN, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola**. 7ª edição. SP: Global, 1987.